



IVO PERELMAN, O MAGO DO SAX

Com um público fiel fora do país, o músico brasileiro
lança seu novo disco nos Estados Unidos e no Brasil

*Estou e quero sempre
estar aberto a todas as
influências*



Canções de ninar, brincadeiras de roda, música indígena, sons universais. Tudo isso vira jazz nas mãos do brasileiro Ivo Perelman, considerado pela imprensa especializada americana como revolucionário e um dos melhores saxofonistas dos últimos 20 anos. Ele é pouco conhecido no Brasil, mas tem público fiel nos Estados Unidos, na Europa e no Japão. Já gravou 20 discos e o mais recente deles, *Aquarela do Brasil* (*Brazilian Watercolors*), acaba de ser lançado em Nova York e está chegando às lojas do Rio e de São Paulo no fim do mês.

Nascido em São Paulo há 38 anos, filho de uma professora de piano, Ivo traz a músi-

ca no sangue e na alma. Aos 10 anos tocava violão, aos 17 descobriu o clarinete e aos 20 apaixonou-se definitivamente pelo saxofone. A vontade de aprender mais o trouxe para o Berklee College of Music, em Boston, onde estudou durante um ano. De lá foi para o Canadá, depois para Los Angeles, para aprender composição, arranjo e regência durante seis anos, na Dick Grove School of Music.

O espírito rebelde de Perelman o fez desistir do estudo formal e partir para a improvisação, que acabou lhe abrindo o caminho para o sucesso. "Eu me sentia sufocado com tanta leitura e aprendizado de harmonia na escola. Não conseguia acompanhar o


método natural. Estava sempre lutando contra ele."

Mas a rebelião pessoal contra o ensino formal de música, segundo ele, não significou anarquia. "Algumas pessoas pensam que free jazz é o caos. Pelo contrário, é o oposto do caos. É o último estágio de criação musical, porque você não tem o luxo ou o benefício de poder parar o tempo e consertar uma nota errada."

SOM DOS ÍNDIOS

Sua discografia inclui uma trilogia – *Ivo*, *Children of Ibeji* e *Tapeba Songs* – baseada em canções infantis das danças de roda de influência portuguesa, da música afro-brasileira e dos cantos dos índios tapebas, no

Ceará. Além disso, gravou outro disco em que mistura a linguagem clássica de Villa-Lobos com jazz, em arranjos feitos pelo monstro sagrado do jazz, maestro Peter Schuller.

"Trabalhei com raízes brasileiras, mas também trabalho com outros sons. Estou e quero sempre estar aberto a todas as influências, porque acho que a música é uma linguagem sem fronteiras", afirma. Seu universalismo musical lhe permitiu trabalhar com talentos internacionais como a cantora Flora Purim, o percussionista Airton Moreira e o baterista Rashdie Ali, que tocou com John Coltrane e participa do novo CD, *Aquarela do Brasil*. 

Por Amália Maranhão, de Nova York.



Morando em Nova York, o saxofonista não se separa de seu instrumento nem mesmo quando sai passeando pela cidade. Chamado de revolucionário, Perelman apresenta-se no Factory, um bar de jazz no Soho